

A fenomenologia da memória como possibilidade metodológica para pesquisas em Educação**The phenomenology of memory as a methodological possibility for research in Education**Elane Cristine Almeida da Silva¹Josina Maria Pontes Ribeiro²Ricardo dos Santos Pereira³**Resumo:**

A pesquisa qualitativa fenomenológica na educação surge com o principal interesse de compreender as diversas relações heterogêneas existentes em grupos escolares. Objetiva-se exibi-la como oportunidade metodológica para a investigação qualitativa, validando sua diversidade cultural. Considera-se a abordagem como mecanismo para compreender e descrever fenômenos ao passo que se investiga os seres humanos como sujeitos e não como objetos, entendendo as conexões e as pluralidades existentes no processo de lembrar, pois ao contrário de outros métodos científicos, ela abarca ainda, a subjetividade do pesquisador. Retratou-se as técnicas de entrevistas e histórias de vida junto as pesquisas bibliográfica e documental para enriquecer a definição do fenômeno, no qual os procedimentos estão respaldados na garantia de não interferência das informações. Nos resultados descreve-se a análise dos dados em documentos escritos buscando convergências nas informações e interpretando as experiências, considerando-se como possibilidade de trajetória metodológica que abarque a dimensão simbólica cultural do ensino, incluindo na coleta de dados, técnicas adequadas alinhadas aos objetivos. Ponderou-se que a utilização da fenomenologia de memória nas pesquisas sociais é uma trajetória extremamente importante para uso na área da educação, em todas as modalidades.

Palavras-chave: Pesquisa Qualitativa; Fenomenologia; Pesquisa Educacional; Memória.**Abstract:**

Phenomenological qualitative research in education arises with the main interest of understanding the various heterogeneous relationships that exist in school groups. The aim is to present it as a methodological opportunity for qualitative research, validating its cultural diversity. The approach is considered as a mechanism to understand and describe phenomena while investigating human beings as subjects and not as objects, understanding the connections and pluralities that exist in the process of remembering, as unlike other scientific methods, it also encompasses, the subjectivity of the researcher. Interview techniques and life stories were portrayed along with bibliographic and documentary research to enrich the definition of the phenomenon, in which the procedures are supported by the guarantee of non-interference of information. The results describe the analysis of data in written documents seeking convergences in information and interpreting experiences, considering it as a possibility of a methodological trajectory that encompasses the cultural symbolic dimension of teaching, including in

¹ Mestra em Educação Profissional e Tecnológica – Ifac. Socióloga e servidora da Secretaria Estadual de Educação do Acre. Egressa do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT. Integrante do Projeto de Pesquisa: Políticas públicas institucionais e a educação profissional e tecnológica: um olhar à gestão e à memória das instituições de ensino no Estado do Acre. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5136-3504>. E-mail: elane.profept@gmail.com

² Doutora em Ensino de Biociências e Saúde (IOC/Fiocruz). Docente EBTT - Ciências Sociais no Instituto Federal do Acre - Ifac, Campus Rio Branco. Coordenadora do Projeto de Pesquisa: Políticas públicas institucionais e a educação profissional e tecnológica: um olhar à gestão e à memória das instituições de ensino no Estado do Acre. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2782-6083>. E-mail: josina.ribeiro@ifac.edu.br.

³ Doutor em Biologia Celular e Molecular (IOC/Fiocruz). Docente EBTT- Biologia no Instituto Federal do Acre - Ifac, Campus Xapuri. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7148-5055>. E-mail: ricardo.pereira@ifac.edu.br.

data collection, appropriate techniques aligned with the objectives. It was considered that the use of memory phenomenology in social research is an extremely important path for use in the area of education, in all its modalities.

Keywords: Qualitative Research; Phenomenology; Educational Research; Memory.

Introdução

O artigo reconhece a importância da pesquisa qualitativa para os estudos em educação, bem como, da perspectiva fenomenológica científica amparada pela filosofia contemporânea, em que a subjetividade do indivíduo é tratada como premissa e não como objeto de estudo. Considerou-se que a partir da fenomenologia, a intencionalidade consciente colabora para que os fenômenos analisados sejam descritos e interpretados em sua essência.

Com a fenomenologia da memória foi possível reconhecer a importância das lembranças, vivências, interpretações de fatos e recordações de um indivíduo que, ao rememorar tal fenômeno coloca-o no tempo presente. Logo, a memória sobre um fenômeno é atemporal e pode, ainda, tornar-se coletiva se ressignificada por membros de um mesmo grupo e não apenas por um único sujeito.

Assim, o artigo objetiva descrever o caminho do pensamento trilhado na elaboração de uma pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica, a partir da qual se busca reconhecer a memória da Educação, através de seus diversos grupos sociais levando em consideração a troca de conhecimento entre os sujeitos (pesquisador e pesquisado). Logo, destaca-se a importância da pesquisa qualitativa e do método fenomenológico nesse processo, bem como, apresenta-se técnicas de coleta de dados oportunas a esse tipo de pesquisa. As informações aqui apresentadas foram alcançadas mediante levantamento bibliográfico sobre o tema, como parte dessa imersão e considerando o acesso a livros e periódicos.

1. Referencial teórico

História e contribuições da pesquisa qualitativa na educação

Antropólogos e sociólogos fazem pesquisa qualitativa há mais de um século, porém, a nomenclatura da abordagem ou investigação qualitativa, principalmente com foco na educação ganhou um olhar diferenciado a partir da década de 1970. Neste período, as pesquisas na área da educação deixam de ser predominantemente de natureza quantitativa e as características dos fenômenos educacionais em si e não apenas a descrição de suas causas e consequências

passaram a ser objeto de investigação científica, inclusive sob uma perspectiva fenomenológica (Triviños, 2013, p. 123 a 126).

Quanto a origem, Bogdan e Biklen (1994) destacam que a pesquisa qualitativa em educação possui origem no século XIX, nos Estados Unidos e em Londres, lugares marcados por urbanização desregrada e problemas sociais diversos, que chamaram a atenção de sociólogos da Universidade de Chicago. No século XX, de 1950 a 1960, as pesquisas qualitativas foram novamente impulsionadas a partir da atuação de antropólogos culturais americanos, interessados em estudar experiências e rendimento escolar de crianças, especialmente aquelas excluídas socialmente (Bogdan; Biklen, 1994, p. 38).

Para Minayo (2010, p. 57), a pesquisa qualitativa não é melhor e nem pior que a pesquisa quantitativa, apenas tem papel, prioridades e adequação diferente. Contudo, a pesquisa qualitativa é mais apropriada ao estudo de “[...] grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica de atores e, de relações e para análise de discursos e documentos”.

Para Triviños (2013) na pesquisa qualitativa existem duas dificuldades referentes a este tipo de pesquisa que é a abrangência do seu conceito e as teorias fundamentais que a alimentam. O que se deve ficar claro é que o referencial teórico identificado pelo pesquisador é o primeiro caminho trilhado para definição das outras etapas da pesquisa, especificamente quanto ao método e a abordagem. O pesquisador, sem dúvida, ao iniciar qualquer tipo de busca, parte premunido de certas ideias. Especificamente no que se refere a importância das bases teóricas ou conceituais.

Minayo (2010) esclarece sobre a existência de correntes de pensamento que uma vez escolhidas guiam a escolha de métodos, abordagens e técnicas de coleta e análise de dados. Esse processo, traz relevante contribuição sobre a teoria positivista e do funcionalismo como sua derivação imediata, da teoria compreensiva e do marxismo a partir de algumas de suas correntes. Especificamente sobre as modalidades de abordagens compreensivas, a autora destaca a contribuição da fenomenologia sociológica, a etnometodologia, o interacionismo simbólico, as histórias de vida e estudos de caso, pelo que se recomenda aprofundamentos sobre o tema a partir desse referencial.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 32) a pesquisa qualitativa é aquela que busca descrever, compreender ou explicar determinados fenômenos, considerando as relações entre o global e o local, assim como as diferenças entre o mundo social e o mundo natural. Logo, considera-se como fundamental a articulação entre os objetivos buscados, a orientação teórica

dos pesquisadores e os dados empíricos, o que, por sua vez se opõe a ideia de que exista um modelo único de pesquisa para todas as ciências. A mesma se preocupa “[...] com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

Maia e Rocha (2016, p. 721-722) assim caracterizam a abordagem qualitativa:

A abordagem qualitativa da pesquisa tem algumas características: a) ocorre em ambiente natural, não em laboratórios; b) o pesquisador é o instrumento fundamental – o próprio pesquisador coleta os dados; c) os pesquisadores qualitativos se validam de múltiplas fontes de dados; d) a análise dos dados é preponderantemente indutiva; e) o foco deve ser no significado apreendido pelos participantes e não naqueles levados a campo pelo pesquisador ou aqueles que se manifestam na literatura; f) o projeto é emergente, isto é pode ser alterado com o andar da pesquisa; g) os pesquisadores usam com frequência, lentes teóricas (método) para enxergar seus estudos; h) a pesquisa qualitativa é uma forma interpretativa do que se enxerga, se ouve e se entende.

Os autores Bogdan e Biklen (1994, p. 17; 72-74) apresentam características da abordagem qualitativa na investigação, destacando diferenças teóricas, técnicas e estratégicas das abordagens qualitativas e quantitativas. Desprovida da rigidez da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa analisa os dados coletados e os interpreta, tantas vezes quanto for necessário e viável, a partir do tempo, espaço e caminho metodológico proposto (Sampieri *et al.*, 2013). Na pesquisa qualitativa “[...] o ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 128).

Assim, também para Flick (2013) as questões são postas de forma ampla, onde se pretende ter maior diálogo de forma espontânea dos partícipes, como por exemplo, nos casos de história de vida pessoal. A pesquisa qualitativa segue a seguinte abordagem: a) captar a subjetividade das respostas dos participantes; b) visualizar a complexidade do seu significado; e c) descrever as práticas sociais, vivência e ambiente em que estão inseridos.

Os autores Prodanov e Freitas (2013, p. 126-130) elaboraram um quadro com os critérios de pesquisa e dentro desta ferramenta encontra-se a pesquisa qualitativa como abordagem e os seguintes procedimentos técnicos: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa experimental, levantamento (*survey*), estudo de caso, pesquisa *ex-post-facto*, pesquisa-ação e pesquisa participante. Chizzotti (1995) acrescenta a essas técnicas de coleta de dados a proposição de entrevista e coleta de história de vida.

Essas técnicas geram dados que nem sempre são quantificáveis e passíveis de descrição, uma vez que na pesquisa educacional de natureza qualitativa busca-se não apenas descrever, mas também compreender a subjetividade dos sujeitos, as suas significações (Bicudo, 2011).

No Brasil, a contribuição da pesquisa qualitativa também tem um enfoque maior a partir da década de 1970, baseada em metodologias utilizadas nas ciências humanas e na educação, principalmente através da antropologia. A maior preocupação estava voltada ao contexto educacional, instigado ainda por órgãos internacionais, como o Banco Mundial, e grupos técnicos nacionais. Neste período, vários pesquisadores debruçam sobre estudos dos fenômenos sociais educacionais, ao analisar significados que perpassavam os eventos na sala de aula, realizando registros visuais, áudios e anotações. Nas décadas seguintes, vários eventos nacionais e regionais foram concretizados e um número maior de pesquisadores participou com o intuito de se aprofundar na temática da pesquisa qualitativa educacional, em contraponto ao modelo de pesquisa estabelecido até então (Zanette, 2017).

As pesquisas, especialmente nas dissertações de mestrado e teses de doutorado, passam a ser grande fonte de produção de conhecimento, cuja hegemonia do tratamento das questões tem base em teorias de inspiração e tendência ‘crítico-reprodutivista’ (Zanette, 2017, p, 157).

Dessa forma, para Brancher *et al.* (2019) o pesquisador se torna parte da pesquisa, participa ativamente do processo e ambos se reinventam, uma vez que com essa contribuição mútua não existe neutralidade do pesquisador. Analisar, compreender e interpretar os fenômenos sociais durante todo o período é mais importante/interessante que apresentar somente o produto final. Assim, a utilização da fenomenologia nas pesquisas qualitativas em educação enriquece substancialmente este olhar de desenvolvimento e evolução do pesquisador, quando o mesmo agita sua subjetividade e passa a entender o fenômeno.

A fenomenologia nas pesquisas em educação

Giorgi (2014, p. 386) considera que a fenomenologia como a “[...] ciência dos fenômenos, isto é, como estudo sistemático de tudo o que se apresenta à consciência”. Ao partir da análise ontológica e filosófica, a fenomenologia assumiu o conceito de abordagem científica, ao avaliar as experiências dos indivíduos. Sobre a fenomenologia, Triviños (2013, p. 43), esclarece:

A fenomenologia é o *estudo das essências*, e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas também a fenomenologia é uma filosofia que substitui as essências na *existência* e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua “*facticidade*”. É uma filosofia *transcendental* que coloca em “*suspense*”, para compreendê-las, as afirmações de atitude natural.

Nesse sentido, é preciso reconhecer a contribuição da fenomenologia de Husserl para a filosofia contemporânea, por analisar o ser humano como responsável por sua subjetividade e, especialmente para o campo da pesquisa, por nos trazer a ideia de que não existe objeto sem um sujeito. Ao sujeito impõe-se, então, a tarefa de descrever o fenômeno, a partir da redução fenomenológica, ao invés de tentar explicá-lo (Triviños, 2013). Bogdan e Biklen (1994, p. 70) afirmam que o fenomenologista busca compreender o significado de ações para pessoas comuns, captando a subjetividade de assuntos privados, o objetivo é “[...] melhor compreender o comportamento e experiência humanos”.

Compreende-se fenômeno, em harmonia com Martins, Boemer e Ferraz (1990, p. 141) como “[...] aquilo que surge para uma consciência, o que se manifesta para essa consciência [...] é então, tudo o que se mostra, se manifesta, se desvela ao sujeito que o interroga”. Na busca por conhecer e interpretar os fenômenos, a fenomenologia “[...] não deduz, não argumenta, não busca explicações, satisfaz-se apenas com seu estudo, da forma com que é constatado e percebido no concreto” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 127).

A fenomenologia não é um método específico, segundo Fazenda (2010), mas atitudes do ser humano para compreender a diversidade de valores e conceitos. São etapas de compreensão e interpretação, que não possuem um modelo fechado, pode ser reconduzida a observação todas as vezes que necessário, dando o enfoque de uma nova compreensão, pois o fenômeno está além das aparências, sendo necessária uma análise extenuante e contínua sobre o mesmo, caracterizando um certo inacabamento, entretanto, isso não constitui uma frustração na fenomenologia, uma vez que o pesquisador, desta forma, demonstra a sua interrogação sobre os fenômenos. Nesses termos a fenomenologia pode, ainda, ser utilizada com outros métodos para finalizar uma investigação científica (Martins; Boemer; Ferraz, 1990).

Conforme Maia e Rocha (2016) a fenomenologia possui como principal característica, romper com o modelo de pesquisa que intencionava um estudo que separava o que era pesquisado do pesquisador (objeto e sujeito). Ela prevê uma intensa transformação da ciência. Exercer possibilidades de significados a partir da descrição. “[...] É o reconhecimento do mundo vida, do tempo vivido, da subjetividade na constituição não somente dos sujeitos, mas do mundo numa inter-relação” (Maia; Rocha, 2016, p. 720). Um projeto de pesquisa segundo a abordagem fenomenológica, “[...] inicia-se sempre com uma interrogação. Esta interrogação pede, exige uma resposta e nesta resposta exige uma trajetória” (Martins; Boemer; Ferraz, 1990, p. 146).

A pesquisa fenomenológica não se restringe a mera descrição do objeto de estudo, mas remete a interpretação dos seus significados, onde o saber, segundo Maia e Rocha (2016) pertence ao todo, não somente ao pesquisador, mas também ao pesquisado através de uma construção mútua e troca entre ambos, pois “[...] em se tratando de fenômenos humanos; existe uma certa coerência entre a teoria e a prática, e ela enfim encontra sua legitimidade fora das práticas quantitativas contemporâneas” (Giorgi, 2014, p. 387), compreendendo a não separação entre o sujeito e o objeto, e sim, entre sujeitos.

A esse respeito, Martins, Boemer e Ferraz (1990, p. 140) expressam que “[...] a fenomenologia põe em evidência que os seres humanos não são objetos e que suas atitudes não podem ser vistas como simples reações”.

A fenomenologia para Rojas, Fonseca e Souza, (2010, p. 02) é “[...] uma filosofia transcendental que coloca em suspensão, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre ali”. No que diz respeito a postura fenomenológica, Silva (2016) destaca que o pesquisador fenomenológico deve perceber e organizar uma relação que vá além da descrição do fenômeno, para chegar a algo que contemple e aprofunde o que esteja sendo analisado.

Martins, Boemer e Ferraz (1990) destacam que o fenômeno se doa ao sujeito através da sua essência, sendo necessário entender os seus sentidos e não procurar soluções para os mesmos. Cabe ao pesquisador interrogar o fenômeno e não o explicar, retornando sempre para as reflexões sobre o estudo. Os autores (1990, p. 145) discorrem que “[...] após a análise individual de cada descrição o pesquisador busca as convergências ou o aspecto comum, que permaneceu em todas as descrições”. A fenomenologia “[...] estuda o universal, o que é válido para todos os sujeitos. O que eu conheço, o que eu vivencio, é vivência para todos” (Triviños, 2013, p. 46).

Embora descrito e interpretado o fenômeno estudado, a fenomenologia traz a ideia do inacabamento, de estar sempre aberta a novas interpretações sendo, portanto, de contínuo exploratório. “Do ponto de vista de fenomenólogos, o inacabamento não constitui sinal de fracasso ou indefinição, mas sim uma maneira da fenomenologia mostrar sua verdadeira tarefa e fertilidade” (Masini, 2004, p.67).

No que se refere a fenomenologia da memória, Ricoeur (2007) indaga que a mesma não pode ser analisada sem que se tenha plena consciência do processo de imaginação, composta por fatos tantos da realidade quanto do irreal. Assim, se a memória efetiva as identidades, a primeira vulnerabilidade delas é a relação temporal, mediante recordações fidedignas do

passado sendo ressignificadas no presente e influenciando o futuro. A esse respeito, Santos (2013) destaca no conflito entre memória e imaginação a dificuldade em se compreender se a afirmação repassada será fiel aos fatos, uma vez que é necessário ter memória para posteriormente formar a lembrança.

Ao se estudar a memória de um grupo específico é preciso entender como esta se relaciona às construções e relações estabelecidas do passado, deixando claro que as pesquisas não devem avaliar se a memória é ou não a única variável, pois dependendo do mesmo grupo ou de outros, existe a possibilidade de experiências e vivências paralelas, que por vezes se contrapõem com a memória oficial. Especialmente quando se está analisando a memória popular, é preciso considerar se implica no confronto do passado instituído, através de uma ideologia dominante, com a rememoração de segmentos sociais dominados. Assim, existe sempre um “[...] um espaço de contestação entre diferentes vozes, cada uma delas procurando fazer ouvir a sua versão do passado [...] quer essa relação seja de contraste absoluto, quer seja de forte similitude” (Peralta, 2007, p. 14).

É certo que a construção social do passado encerra, sempre, relações de poder e de dominação, mas deve-se ter em conta a pluralidade de actores e de forças que contribuem para esta construção. A Pós-modernidade veio evidenciar que os indivíduos podem pertencer a uma multiplicidade de grupos e de identidades e que, portanto, as suas memórias são construídas de forma dinâmica, conflitual, selectiva e dialógica, não se limitando à modelação imposta por um grupo exclusivo (Peralta, 2007, p. 15).

Embora recordar seja um ato individual, a partir de 1970, Halbwachs aprofunda no campo das ciências sociais a discussão sobre memória coletiva. Quanto a contribuição da memória no método fenomenológico, para Halbwachs (2006, p. 43) “[...] a memória do indivíduo se relaciona com a memória do grupo e esta, por sua vez, forma a esfera maior da tradição fenomenológica, a memória coletiva”. Silva (2016) discorre que a mesma contribui como forma de rememorar ações já experimentadas.

A memória é o registro dos dados da percepção, da experiência e do conhecimento. Através da preservação destes elementos, permite a lembrança de algo pertencente ao passado possibilitando sua comparação com o presente, permitindo sua utilização para a elaboração de experiências individuais, para o conhecimento de natureza científica, filosófica ou técnica. A memória (associada à imaginação) dialoga com a temporalidade e transcende o tempo presente. Sem ela, o homem, vive um eterno presente, não seria possível o acordo nem contrato, pois estes não seriam mantidos ou cobrados, não haveria aliança entre os homens, o que proporcionaria o desaparecimento dos elos sociais e da própria noção de sociedade (Silva, 2016, p. 35).

Corá e Vieira (2011, p. 86-88) expressam que a memória resgata experiências temporais já ocorridas, em um processo de rememoração. Além de defender a memória coletiva, uma vez

que classifica que a memória individual, de forma isolada, não resistiria ao rigor científico das ciências, principalmente as sociais. Fundamentado em Ricoeur, os autores explanam que a fenomenologia da memória “[...] pode estender-se também para uma fenomenologia da realidade social, visto que nos fenômenos da memória existem vários traços de uma constante correlação com o outro”. Além disso, afirmam que a memória “[...] constitui nosso último referencial na busca pelo que um dia se passou, por um acontecimento que tenha sido uma realidade num momento pretérito”.

Ainda na década de 1970 a fenomenologia passou a ser influenciada pelo campo das ciências sociais, em especial pela Sociologia, o que trouxe contribuições à pesquisa em educação, sobretudo no que se refere ao fato de que nas descrições, os fenômenos devem ser pensados como socialmente construídos e, desse modo, eleva-se a importância do sujeito no processo da construção do conhecimento. Le Goff (1990) fala que a responsabilidade em se tornar acessível a fenomenologia da memória fica a cargo dos profissionais ligados as ciências humanas.

Nas pesquisas em educação a fenomenologia da memória tem sido cada vez utilizada, sobretudo quando se busca compreender e interpretar os processos de lembranças dos membros de um grupo escolar, além de considerar sua identidade individual e coletiva.

Para desenvolver sobre as técnicas de coleta de dados, Prodanov e Freitas (2013, p. 129) falam que “[...] esses instrumentos devem estar alinhados aos objetivos e às abordagens da pesquisa”. Ademais, Poupart *et al.* (2014) nos advertem que os fenômenos estudados não estão isolados, eles fazem parte de um todo social e, nesse sentido a coleta de dados deve se dar de forma a nos permitir compreender os significados e interpretá-los de uma forma macro e, nesse caso a combinação de diferentes técnicas de coleta de dados, auxiliaria nesse processo de compreensão ampla dos fenômenos. Logo, diante das muitas técnicas de coletas de dados existentes, apresenta-se aqui algumas que são mais utilizadas na pesquisa qualitativa e que esse potencial de uso combinado, a saber, a pesquisa bibliográfica e documental, histórias de vida e realização de entrevistas.

2. Metodologia

Técnicas de coleta possíveis à pesquisa fenomenológica

Gibbs (2009, p. 17) expressa que os dados qualitativos são adquiridos através de mecanismos da comunicação humana, tais quais: entrevistas, grupos focais, transcrições, observação participante, correio eletrônico, propagandas, vídeos, livros, revistas, diários, Interfaces da Educação, Paranaíba, V. 15, N. 42, p. 49 a 68, ano 2024

fotografias, filmes, entre outros. De fato, são muitas as possibilidades de coleta de dados no âmbito da pesquisa qualitativa, especialmente considerando a abordagem fenomenológica.

Contudo, em todos os casos possíveis é necessário compreender as experiências que foram vividas pelos sujeitos do grupo que se está estudando, visualizando as características subjetivas do indivíduo, pois os informantes podem possuir qualidades distintas de se expressar melhor em uma forma do que da outra (Gil, 2010). É para situar tais experiências no tempo e espaço, que se recomenda ao pesquisador realizar a pesquisa bibliográfica e documental.

É certo que “[...] todas as etapas da coleta de dados devem ser esquematizadas, a fim de facilitar o desenvolvimento da pesquisa, bem como, assegurar uma ordem lógica na execução das atividades” (Andrade, 2010, p. 137). Ciente da amplitude de técnicas possíveis e das orientações peculiares a cada uma dentro da pesquisa fenomenológica no campo da educação, aprofunda-se em algumas, de forma a sistematizar informações e colaborar com as discussões.

Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica coloca o pesquisador diretamente em contato com resultados prévios sobre temas que estão sendo investigados ou temas similares, validando ou não dados e informações coletadas. Há que se ter o cuidado, contudo, de se verificar “[...] a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 54).

Para Marconi e Lakatos (2003, p. 44) “[...] a pesquisa bibliográfica compreende oito fases distintas, são elas: escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação e redação”. Poupard *et al.* (2014) e Sampieri *et al.* (2013) destacam como extremamente importante que o pesquisador tenha um conhecimento prévio daquilo que irá analisar, entretanto, ele não se apega e se limita completamente a essas leituras, uma vez que nessa abordagem a revisão bibliográfica deve ser constante, pois à medida que os fenômenos vão se desvelando, as leituras podem ser realizadas para colaborarem com o estudo que está sendo aprofundado, pois uma de suas singularidades é repetir o processo quantas vezes achar necessário.

Pesquisa documental

Sobre a pesquisa documental, Lakatos (2003, p. 174) destaca ser esta “[...] restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”. Quando se trata de fontes primárias, que não passaram por tratamento analítico, a reelaboração de dados

considerando os objetivos da pesquisa sempre se torna possível e possibilita um volume de materiais considerável (Gil, 2008; Prodanov, Freitas, 2013; Lakatos, 2003; Severino, 2007).

Poupart *et al.* (2014, p. 295) destacam que “[...] o documento permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social”. Consoante Ricoeur (2007, p. 146), destaca que essas fontes de dados evidenciam a “[...] a reconstrução do passado pela escrita”. Por essa razão, cabe aqui indicar levantamento documental como uma técnica de coleta de dados significativa a abordagem fenomenológica, em especial a trabalhos que discutem a fenomenologia da memória.

Tanto no caso da pesquisa bibliográfica como da pesquisa documental, recomenda-se a organização de uma base de dados própria que vai sendo acrescida ao longo do tempo e que registre informações que serão significativas para filtro futuro (descritores de busca e base dados, título do documento/artigo/dissertação ou tese, data da pesquisa, local, referências com link de acesso, se for o caso).

Entrevistas

Na pesquisa fenomenológica, as entrevistas podem ser trabalhadas tanto como fonte principal de dados ou, ainda, como fonte complementar. De uma forma ou de outra elas são capazes de preencher lacunas encontradas na análise bibliográfica ou documental através da memória dos participantes, contadas a partir de sua experiência de vida individual e coletiva. De acordo com Lakatos (2003, p. 199) a entrevista “[...] visa obter respostas válidas e informações pertinentes, é uma verdadeira arte, que se aprimora com o tempo, com treino e com experiência”.

Pesquisadores de ciências humanas utilizam costumeiramente entrevistas como técnica na coleta de dados. Trata-se, portanto de “[...] um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (Lakatos, 2003, p. 195). Para Gil (2008, p. 109) “[...] muitos autores consideram a entrevista como a técnica por excelência na investigação social, atribuindo-lhe valor semelhante ao tubo de ensaio na Química e ao microscópio na Microbiologia”.

No caso das entrevistas, antes de aplicá-las, recomenda-se ao entrevistador conhecer previamente o assunto (levantamento bibliográfico e documental) para poder organizar um roteiro (preferencialmente semiestruturado) e não ter a necessidade de repetir a técnica com o participante, por falta de organização na metodologia. “A entrevista constitui um instrumento

eficaz na recolha de dados fidedignos para a elaboração de uma pesquisa, desde que seja bem elaborada, bem realizada e interpretada” (Andrade, 2010, p. 131).

Logo, a entrevista deve ser planejada, não fugir do tema que é objeto do projeto. Isso indica que não existe entrevista sem uma estrutura mínima que a oriente, sem um planejamento prévio sobre o que falar. De forma que se discute frequentemente a existência de roteiros semiestruturados (organizados a partir de temas) ou estruturados (organizados a partir de perguntas já definidas). No caso de roteiros estruturados, “[...] as perguntas deverão ser formuladas de acordo com os objetivos da pesquisa, em linguagem adequada ao nível de escolaridade do informante” (Andrade, 2010, p. 133). Para Gil (2008, p. 109), a entrevista semiestruturada, permite, ao mesmo tempo, “[...] a liberdade de expressão do entrevistado e a manutenção do foco pelo entrevistador. Há uma interação social”.

Uma entrevista pode ter como objetivos averiguar fatos ou fenômenos; identificar opiniões sobre fatos ou fenômenos; determinar, pelas respostas individuais, a conduta previsível em certas circunstâncias; descobrir os fatores que influenciam ou que determinam opiniões, sentimentos e condutas; comparar a conduta de uma pessoa no presente e no passado, para deduzir seu comportamento futuro (Andrade, 2010).

Para além das orientações básicas já tratadas, Triviños (2013) destaca ser necessário definir o local e horário adequado, em consenso com o informante. Igualmente destaca a necessidade de aprovação do informante sobre a realização de entrevista, forma de gravação e uso de dados, respeitando os princípios éticos para pesquisa com seres humanos. Ademais, cabe ao pesquisador humildade para realizar as perguntas e não questionar as respostas, permitindo espontaneidade do entrevistado e evitando distração enquanto o participante responde às perguntas.

A condução correta da entrevista depende sempre da habilidade do entrevistador em elaborar e administrar o roteiro. Ocorre que o roteiro proposto não deve ser tão estruturado a ponto de limitar a evocação de memórias e lembranças que trariam descobertas, mas também não pode ser completamente solto, de forma que se possa fugir completamente da discussão proposta. Nesse aspecto compete ao pesquisador encontrar o equilíbrio, a justa medida entre o excesso e a falta de estrutura na definição do roteiro. Para tanto, recomenda-se testar ou pilotar o instrumento elaborado (roteiro) do antes da aplicação com o entrevistado

Outro fator primordial para uma melhor interação social é um contato inicial, esclarecendo para o pretense entrevistado o que se busca fazer e solicitando de forma respeitosa sua colaboração na disponibilidade da entrevista. Segundo Gil (2008, p. 117), somente quando

ocorrer a “[...] a criação de uma atmosfera favorável, o entrevistador passará a abordar o tema central da entrevista”.

A duração da entrevista pode ser flexível, mas para não ficar repetitiva e cansar o entrevistado, pode ser estabelecido um prazo de mais ou menos 30 (trinta) minutos. É preciso considerar, contudo, que entrevistas que se realizam no formato virtual tendem a ser mais cansativas pelo uso de telas e pela impessoalidade da conversa. Logo, ao elaborar um roteiro de perguntas, já deve o pesquisador refletir sobre o tempo possível de cada pergunta (roteiro estruturado) ou tema (roteiro semiestruturado)

O registro da entrevista pode ser realizado com uso de anotações do entrevistador e de gravador (somente áudio ou áudio e vídeo) sempre mediante consentimento do entrevistado, para posterior transcrição e análise. Para Gil (2008, p. 119) “[...] a gravação eletrônica é o melhor modo de preservar o conteúdo da entrevista”. Se a entrevista for gravada, logo após o evento, o pesquisador deve procurar logo transcrevê-la e procurar alguma falta de informação ou dicotomia entre as respostas, para não haver dúvidas.

Recomenda-se desde o contato inicial com os entrevistados a utilização de caderno ou diário de campo, a fim de anotar questões relativas aos participantes (perfil e impressões prévias) e demais questões que no dia da entrevista não poderão ser apreendidas na gravação, como por exemplo, a chegada de alguém inesperadamente, emoção do participante da pesquisa não refletida na fala, gestual durante a fala, nervosismo aparente ao falar sobre um tema, evocação de lembranças através de objetos apontados ou demonstrados, entre outros).

É possível que algumas questões levantadas talvez não se encerram em apenas um encontro, o processo pode se tornar mais longo e encaminhar para outros entrevistados ou complementações de entrevistas, mediante a avaliação do pesquisador e da descrição encontrada no objeto proposto, utilizando o método fenomenológico.

Histórias de vida

Segundo Gil (2010) a história de vida reforça a trajetória de um indivíduo e sua coleta pode ser bem mais demorada do que as entrevistas, pois a trajetória é construída mediante os dados repassados pelo informante e não através de roteiro (estruturados ou semiestruturados) como nas entrevistas. Assim, outra diferenciação é que nessa técnica o número de sujeitos estudados, de modo geral, é pequeno para se considerar fenomenologicamente os significados da sua redução e os temas que concentram após a análise.

A partir dessa técnica a pessoa reconstrói acontecimentos que ela considera importante a partir do seu relato pessoal, sendo também importante assegurar a permissão da divulgação dos dados coletados.

A análise de narrativas e biografias acrescenta uma nova dimensão à pesquisa qualitativa, concentrando-se não apenas no que as pessoas disseram e em coisas e eventos que descreveram, mas na forma como o fizeram, por que o disseram e o que sentiram e vivenciaram. Sendo assim, as narrativas possibilitam compartilhar o sentido que a experiência tem para os entrevistados e lhes dar uma voz para que possamos vir a entender de que forma eles encaram a vida (Gibbs, 2009, p. 95).

As histórias de vida, segundo Haguette (2010, p. 74), podem ser tratadas como documentos ou como técnicas de coleta de dados. Marconi e Lakatos (2011, p. 123) falam que através dela “[...] procuram-se captar as reações espontâneas do entrevistado, em face de certos acontecimentos fundamentais de sua vida”. O pesquisador deve entender e dar visibilidade a tratativa correspondente àquilo que está procurando, ou seja, ao assunto que pretende discorrer em seu trabalho.

Porque o pesquisador não sabe o que se passa com o sujeito é preciso que este sujeito descreva o que se passa com ele. A descrição se dá, então, na experiência do sujeito que está experienciando aquela situação [...] nas descrições feitas pelo sujeito o interesse não está em saber o que o sujeito pensa, qual é sua opinião, mas, sobre aquilo que o sujeito está experienciando (Martins; Boemer; Ferraz, 1990, p. 145).

Quanto a funcionalidade da história de vida, Haguette (2010, p. 75) destaca que essa técnica permite sempre mais informações que o esperado, cabendo ao pesquisador uma filtragem das informações que são relatadas através das experiências que são compartilhadas no momento que é estabelecido o diálogo. Geralmente, além das narrativas, o pesquisador também utiliza outros materiais na pesquisa para enriquecê-la com referências que substanciam suas hipóteses.

A história de vida é uma técnica de campo que permite ao pesquisador um controle maior sobre a situação ou as motivações do entrevistado. Tem como função básica estimular a pessoa, visando conseguir respostas claras e precisas sobre determinado estudo. Pode favorecer o surgimento de novas questões e conseguir detalhes. Apresenta informação relativa a estrutura, dinâmica e funcionamento da vida mental de seu autor. Levanta a vida de uma pessoa, seus usos e costumes, seus valores, conceitos e ações. Emprega meios mecânicos para registrar fatos e acontecimentos do passado (Marconi; Lakatos, 2011, p. 124).

Haguette (2010, p. 76) diz que a história de vida “[...] serve como ponto de referência para avaliar teorias que tratam do mesmo problema para cujo propósito as informações foram tomadas”. Para a autora, diferentemente do Estados Unidos que trabalham com histórias de vida na pesquisa desde a década de 1920, no Brasil a história de vida não possuía a mesma afirmação

de importância, sendo usada como técnica subsidiária. Entretanto, seus estudos ganharam forças na academia nos últimos anos, a partir da década de 1980, principalmente em trabalhos científicos de cunho antropológico, sociológico ou da área de psicologia.

É preciso considerar que as memórias descritas pelos sujeitos re integram as lembranças “[...] cujas divisões estabelecidas socialmente situam-se entre as datas que somente fazem sentido porque são compartilhadas historicamente” (Schiedeck; França, 2019, p. 30). Para colaborar com a rememoração dos sujeitos, pode-se utilizar a técnica de foto-elicitação, ou seja, com o estímulo da memória através de imagens (fotos, filmes, imagens, recortes de jornais, etc) sobre o contexto ao qual o participante foi inserido, evitando assim desvio no foco da tratativa e conhecimento do tema pesquisado (Mendonça; Viana, 2007) a foto-elicitação estimula a “[...] o registro destas memórias permite o preenchimento de espaços e de ausências que aparecem quando analisamos a história linear documental” (Schiedeck; França, 2019, p. 32).

As histórias de vida podem ser amplas (referentes a toda a vida dos sujeitos ou tópicos (referentes a um recorte específico proposto pelo pesquisador). A disponibilidade para ouvir sem interferir na narrativa é uma habilidade que também exige treino, assim como a dedicação de tempo a essa fase da pesquisa, tanto na coleta como na transcrição.

Posto ser a história e o processo de rememoração individual, não há como precisar tempo mínimo ou máximo para aplicação dessa técnica, nem mesmo se existirá a necessidade de fazer pausas ou retomadas no mesmo dia ou em dias diferentes. É fato que, a depender do tema, lembranças afloram emoções e é preciso sensibilidade e respeito pelo participante da pesquisa quanto ao momento de parar e retomar.

Considere-se para história de vida as orientações já descritas para realização de entrevistas, especificamente sobre realização de contato prévio, organização de tempo e espaço para realização da técnica, respeito e ética para com o participante da pesquisa, condições e formas de gravação e transcrição e organização de dados, anotações em caderno ou diário de campo e possibilidade de uso de foto-elicitação. No caso de serem elaboradas como texto escrito pelos próprios sujeitos, sugere-se considerar orientações de Macêdo (1999).

3. Resultados

Análise fenomenológica dos dados da pesquisa

Para Poupart *et al.* (2014, p. 147) a análise de dados é justamente a etapa da pesquisa em que os dados coletados passam a fazer sentido, confirmando se foram adequadas as técnicas

utilizadas para resolução do problema da pesquisa e se os resultados obtidos estão devidamente alinhados aos objetivos. “[...] São os dados da experiência, as representações, as definições da situação, as opiniões, as palavras, o sentido da ação e dos fenômenos”.

Brancher *et al.* (2019, p. 40-54) nos fornece subsídios para empreender a análise de discurso, análise de conteúdo e análise textual discursiva a partir de dados qualitativos obtidos. Em Minayo (2010, p. 303 a 360) tem orientações significativas para empreender a análise de conteúdo, análise de discurso e análise hermenêutica dialética. Para a autora, contudo, mais do que uma forma de fazer, escolher uma forma para análise de dados revela uma forma de pensar, ou seja, ao caminho do pensamento escolhido.

Considerando a fenomenologia como um caminho do pensamento possível, destaca-se a orientação sobre o que deve constar em um relatório de pesquisa fenomenológica, a saber:

- O conhecimento da natureza intencional da consciência;
- A utilização da redução fenomenológica em sua acepção exata, o que inclui compreender os dados de base como “presenças” ou “fenômenos” no sentido estrito do termo;
- Práticas descritivas minuciosas, em oposição a termos teóricos, construídos ou explicativos;
- A busca, por meio do procedimento das variações livres e imaginárias, de estruturas ou essências próprias à disciplina, e também a preocupação constante da significação da experiência descrita (Giorgi, 2014, p. 407).

Para tanto, o autor supracitado revela a necessidade de organização da pesquisa a partir de etapas concretas (2014, p. 398), que implicam na coleta e leitura de dados, na divisão dos dados em unidades, na organização dos dados tal como coletados na linguagem da disciplina e, por fim, na síntese dos resultados. O método elaborado por Giorgi, “[...] inicialmente, foi aplicado em pesquisas que investigaram vivências de processos de aprendizagem, no entanto se expandiu para investigar outros tipos de vivências” (Branco, 2014, p. 193).

Para a análise fenomenológica, sobretudo das histórias de vida, vale a indicação de que podem ser inscritas tantas estruturas quanto forem necessárias. “[...] É preciso notar que, na perspectiva fenomenológica científica, a estrutura equivale às essências e às suas relações (Giorgi, 2014, p. 401).

A autora Macêdo (1999, p. 37-38) relata que as descrições analisadas na fenomenologia não são definitivas e muito menos completas, valendo-se da subjetividade do pesquisador para avaliar o que está atrás do discurso e compreender o fenômeno através da intenção.

Para isso é preciso uma abertura ao conhecimento sensível do mundo, que não é intelectual coisificador, mas vivencial-presentificador, ou seja, não coisificamos um depoimento escrito como objeto de estudo, mas vivenciamos e presentificamos para nós os seus significados (Macêdo, 1999, p. 38).

A análise de dados de documentos escritos é tratada tanto por Giorgi (2014) quanto por Macêdo (1999) e, para essa última, deve-se buscar convergências e regularidades nas descrições, o que exige o planejamento de quatro momentos: leitura do material; busca por unidades de significado; interpretação das unidades e síntese das mesmas.

A pesquisa fenomenológica e a análise dos dados têm sido duramente criticadas por teóricos marxistas, justamente pelo fato de em sua maioria desconsiderarem os contextos e a uma vez ao reconhecer a autonomia de sujeitos, de grupos, de sistemas de valores e crenças e desprezar o contexto e as bases sociais, econômicas e políticas nas quais os sujeitos, os grupos, os sistemas de crenças e valores se fazem (Minayo, 2010, p. 100-108). Assim, quem trabalha com pesquisa fenomenológica no campo da educação ou não, deve sempre fugir desse reducionismo, sob pena de suas pesquisas sejam usadas para justificar uma pretensa necessidade de reorganização do estado, sob a égide neoliberal. É preciso, portanto, evidenciar a autonomia de sujeitos, grupos, sistemas de valores, culturas e crenças, mas sem desconsiderar a histórias e as implicações sociais, políticas e econômicas nas quais os fenômenos se manifestam ou a partir dos quais as histórias individuais ou coletivas se constroem e são interpretadas.

Logo, é preciso reconhecer que “[...] um texto sempre está inserido em um contexto, e é nessa atmosfera que ele fará sentido [...] Todo processo de leitura e de escrita é repleto de significados e relações” (Brancher *et al.*, 2019, p. 126).

Considerações finais

A fenomenologia contemporânea utilizada em pesquisas na área de ciências humanas, sobretudo no campo da educação, figura como uma trajetória extremamente eficaz para compreender e descrever fenômenos em sua essência analisando os sujeitos como indivíduos e não como objeto. As informações obtidas/coletadas são compreendidas como informações subjetivas e não apenas como dados passíveis de quantificar.

Na análise fenomenológica, tanto o pesquisado quanto o pesquisador se entrelaçam em uma teia de informações que visam auxiliar na pesquisa, pois o mesmo não interfere nos dados que lhe são repassados, ele descreve e compreende os fenômenos dos quais busca informações para finalização de seu estudo. Para tanto, deve-se levar em consideração os aspectos socioculturais em que o grupo está envolvido.

A fenomenologia trata a memória como fonte direta individual e/ou coletiva de sujeitos que, a partir de suas lembranças e experiências, possam rememorar fatos e acontecimentos que

foram indagados. Assim, é reconhecido o potencial da fenomenologia para registro memorial da educação, considerando para tal a conjugação de esforços no que se refere a escolha de técnicas de coleta de dados que se complementem e de procedimentos de análises devidamente alinhados ao método.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em Educação:** uma introdução a teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa qualitativa fenomenológica: interrogação, descrição e modalidades de análise. **In:** Maria Aparecida Viggiani Bicudo. (Org.). Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica. 1ªed. São Paulo: Editora Cortez, 2011, p. 41-74.

BRANCO, Paulo Coelho Castelo. **Diálogo entre análise de conteúdo e método fenomenológico empírico: percursos históricos e metodológicos.** Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies – XX (2): 189-197, jul-dez, 2014.

BRANCHER, Vantoir Roberto; CANTERLE, Lisiane Darlene; MACHADO, Fernanda de Camargo. **Metodologia(s) da pesquisa em Educação Profissional e Tecnológica:** Dilemas e provocações contemporâneas. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.** 2º ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CORÁ, Elsio José; VIEIRA, Allan J. O olhar fenomenológico de Paul Ricoeur sobre a memória. **Tabulæ** - Revista de Philosophia – Faculdade Vicentina. Ano 6 - n. 11 - jul-dez de 2011. São Francisco, Curitiba, 2011.

FAZENDA, Ivani. (org.) **Metodologia da Pesquisa Educacional.** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa:** um guia para iniciantes. Tradução: Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. O projeto na pesquisa fenomenológica. **Anais.** IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos – pesquisa qualitativa: rigor em questão. IV SIPEQ. Universidade Estadual Paulista Campus Rio Claro. 9, 10 e 11/10/2010. São Paulo,

2010. Disponível em: <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/44.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2019.

GIORGI, Amedeo. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. *In*: NASSER, Ana Cristina. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MACÊDO Shirley Martins de. Análise Fenomenológica de Depoimentos Escritos: Apresentando e Discutindo uma Possibilidade. **Estudos de Psicologia**. v. 16, n. 1, p. 35-44, janeiro/abril. Campinas, 1999.

MAIA, Marcos Felipe Gonçalves; ROCHA, José Damião Trindade. A fenomenologia na pesquisa em educação: um olhar sobre a etnometodologia e a etnopesquisa crítica. **Atos de Pesquisa em Educação**. v. 11, n. 3, p.718-736 set./dez. Blumenau, 2016. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/5543>. Acesso em: 16 out. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINS, Joel; BOEMER, Magali Roseira; FERRAZ, Clarice Aparecida. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 24 (1): 139-147, abr. São Paulo, 1990. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62341990000100139&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 16 out. 2019.

MASINI, Elcie Salzano. Enfoque fenomenológico na pesquisa em educação. *In*: FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 9. Ed., São Paulo: Corte, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: Uma resenha crítica. **Arquivos da Memória**. Antropologia, Escala e Memória. Centro de Estudos de Etnologia

Portuguesa, Lisboa, nº 2, p. 04-23, 2007. Disponível em: [http://arquivos-da-memoria.fcsh.unl.pt/ArtPDF/02_Elsa_Peralta\[1\].pdf](http://arquivos-da-memoria.fcsh.unl.pt/ArtPDF/02_Elsa_Peralta[1].pdf). Acesso em: 04 ago. 2020.

POUPART, Jean; DESLAURIES, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano e FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François et. al. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

ROJAS, Jucimara et al.; FONSECA, Regina Baruki; SOUZA, Rosana Sandri Eleutério de. Fenomenologia e rigor na pesquisa educacional: a experiência da UFMS. **Anais**. IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos – IV SIPEQ. Universidade Estadual Paulista Campus Rio Claro. 9, 10 e 11/10/2010. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/80.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2019.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. Ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Thais Helen do Nascimento. A memória, a história, o esquecimento. **RACIn**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 1-8, Jan.-Jun, 2013. Disponível em: http://racin.arquivologiauepb.com.br/edicoes/v1_n1/racin_v1_n1_resenha01.pdf. Acesso em: 04 ago. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo, Cortez, 2007.

SCHIEDECK, Silvia; FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos. A concepção dos Institutos Federais e seus atores sociais: a história narrada por trás da história. **Amazônica – Revista de Antropologia na Universidade Federal do Pará**. Belém, v. 11, nº 1, p. 17-35. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/6612>. Acesso em: 30 mar. 2020.

SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da. Relações entre fenomenologia e memória: possíveis reflexões sobre a exclusão social em bibliotecas públicas. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 7, n. 1, p. 29-42, mar./ago. Ribeirão Preto, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/108454>. Acesso em: 16 out. 2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2013.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista**, n. 65, p. 149–166, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/47454/33236>. Acesso em: 02 fev. 2023.